

COLÉGIO PEDRO II

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA**

BRUNA CRUZ ENGELHARD BEZERRA

**SAMBA NAS REDES:
ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFROBRASILEIROS
ATRAVÉS DA ANÁLISE DE SOMBAS ENREDO NAS
MÍDIAS DIGITAIS**

RIO DE JANEIRO

2023

BRUNA CRUZ ENGELHARD BEZERRA

SAMBA NAS REDES:

**ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFROBRASILEIROS ATRAVÉS DA
ANÁLISE DE SAMBAS ENREDO NAS MÍDIAS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador Professor Dr. Higor Figueira
Ferreira.

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

B574 Bezerra, Bruna Cruz Engelhard

Samba nas redes : ensino de história da África e afrobrasileiros através da análise de sambas enredo nas mídias digitais / Bruna Cruz Engelhard Bezerra. - Rio de Janeiro, 2023.

36 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Higor Figueira Ferreira.

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Samba. 3. Antirracismo. 4. Redes sociais. 5. Mídia digital. I. Ferreira, Higor Figueira. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

SAMBA NAS REDES:
ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFROBRASILEIROS ATRAVÉS DA
ANÁLISE DE SAMBAS ENREDO NAS MÍDIAS DIGITAIS

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-graduação, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em: 27 / 11 / 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Higor Figueira Ferreira
Prof. Dr. Higor Figueira Ferreira (Orientador)
Colégio Pedro II (EEHA)

Prof. Me. Arthur José Baptista
Colégio Pedro II (EEHA)
Prof. Dr. Gabriel da Fonseca Onofre
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2023

SAMBA NAS REDES: ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFROBRASILEIROS ATRAVÉS DA ANÁLISE DE SAMBAS ENREDO NAS MÍDIAS DIGITAIS

BRUNA CRUZ ENGELHARD BEZERRA

Resumo: Nos últimos anos tem se acentuado o interesse por uma história que esteja mais comprometida com uma perspectiva antirracista. Em face a isso, e com respaldo na Lei 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, decidi criar na rede social Instagram a página Histopectivas. Esse movimento foi produto tanto do interesse de ensinar a cultura negra afrobrasileira a partir das redes sociais, quanto da necessidade de se adaptar às novas tendências de ensino nos ambientes digitais, processo que se tornou cada vez mais comum da pandemia em diante. Situado nesse cenário de transformações, este trabalho visa discutir aspectos relativos à digitalização do ensino de história negra, bem como apresentar a página Histopectivas, a qual tem servido como ferramenta pedagógica para o ensino de história negra através de vídeos dedicados a produzir análises de sambas-enredo. Ao fim, será apresentada uma proposta pedagógica de natureza audiovisual voltada à educação básica. Desta maneira pretendo contribuir para o avanço da perspectiva antirracista nas salas de aula.

Palavras-chave: história digital; educação antirracista; redes sociais; samba.

SAMBA ON THE NETWORKS: TEACHING THE HISTORY OF AFRICA AND AFRO-BRAZILIANS THROUGH THE ANALYSIS OF SAMBA ENREDO IN DIGITAL MEDIA

Abstract: In recent years, interest in a story that is more committed to an anti-racist perspective has increased. In view of this, and with the support of Law 10,639/2003, which includes the mandatory “Afro-Brazilian and African History and Culture” in the official basic education curriculum, I decided to create the Histopectivas page on the Instagram social network. This movement was a product of both the interest in teaching black Afro-Brazilian culture through social media and the need to adapt to new teaching trends in digital environments, a process that has become increasingly common since the pandemic onwards. Situated in this scenario of transformations, this work aims to discuss aspects related to the digitalization of black history teaching, as well as presenting the Histopectivas page, which has served as a pedagogical tool for teaching black history through videos dedicated to producing analyzes of sambas- plot. At the end, a pedagogical proposal of an audiovisual nature aimed at basic education will be presented. In this way, I intend to contribute to the advancement of the anti-racist perspective in classrooms.

Keywords: digital history; anti-racist education; social networks; samba.

INTRODUÇÃO

As mídias sociais e os meios de comunicação desempenham – direta ou indiretamente – um papel educacional de relevância na sociedade contemporânea. Eles continuamente nos passam informações, promovem interpretações, apresentam modelos de comportamento, ensinam linguagens e nos colocam em contato com o dinamismo da informação, nos fazendo dialogar com diversos saberes e elementos de diversidade cultural, econômica, educacional, sensorial e epistêmica.

O termo “mídia social”, em uma análise mais sociológica, pode ser descrito como todo o conjunto de bens coletivos produzidos através da mediação da tecnologia. As mídias sociais foram apresentadas por Kietzmannet (2011) como mídias que empregam mobilidade e tecnologia de base web para criar plataformas de alta interatividade, através das quais os indivíduos e as comunidades compartilham, discutem e modificam conteúdos criados por todos aqueles que usufruem e utilizam dessas tecnologias. Dentro desse contexto, podem ser considerados como exemplos plataformas como Facebook, Instagram, TikTok, dentre outras.

De um ponto de vista social, estas mídias são alvo de constante interlocução, sendo utilizadas por grande parte da população, destacando-se especialmente os jovens da geração Z¹ e em especial os jovens da geração Alpha². Nesse sentido, Mussio (2017, p.13) afirma que:

Com a evolução tecnológica transformando a era contemporânea, a jovem geração atual, conhecida como Geração Z, será a primeira a viver uma vida completa totalmente em um mundo digital e conectado. Este “novo mundo” já está propiciando os mais diversos tipos de interação com o outro e mudando comportamentos e as relações sociais, impulsionado por meio do desenvolvimento de tecnologias e utilização das mídias sociais.

Considerando o contexto pandêmico, o protagonismo dessas mídias digitais aumentou ainda mais. Segundo dados fornecidos pela TIC Kids Online Brasil³, 93% dos brasileiros com idades entre 9 e 17 anos são usuários de Internet, o que significa dizer que 22,3 milhões de crianças e adolescentes estão conectados à rede mundial de computadores. Em face a essa realidade, fica evidente que as mídias digitais têm um potencial enorme de tração entre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), devendo ser consideradas no âmbito da produção de conhecimento. Afinal, elas têm sido cada vez mais entendidas enquanto pontes que abrem a sala de aula para o mundo e que contribuem para a produção e compartilhamento de representações da realidade que podem auxiliar no desenvolvimento das potencialidades dos educandos por meio da mobilização de diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

As TICs como um todo – assim como as mídias digitais de modo particular – permitem a construção e difusão do conhecimento através de diferentes óticas, movendo narrativas, cenários, sons, racionalidades, afetividades, induções, deduções, espacialidades, temporalidades, concretudes e abstrações. A este respeito, e pensando especificamente nos usos possíveis para o ensino de história, Serrano (2015, p.8) afirma que:

¹ Segundo Gustavo Medeiros Oliveira (UNIJUÍ 2010), a chamada Geração Z (Z de Zapping) é caracterizada por pessoas que nasceram a partir de meados da década de 1990, a partir do avanço de novas tecnologias, acompanhando o novo mundo (pós Guerra Fria), ou seja, o chamado mundo tecnológico ou mundo virtual.

² Segundo, Brenda Chérolet, em texto para o site “Educa Mais Brasil” publicado em 14/04/2023, nascidos a partir de 2010 e às crianças que ainda vão nascer até 2025. Portanto, é a geração atual. Primeira geração de nativos digitais, a geração Alpha, cresce em um ambiente tecnológico, com estímulos constantes e fácil acesso à internet.

³ <https://cetic.br/pt/noticia/tic-kids-online-brasil-2021-78-das-criancas-e-adolescentes-conectados-usam-redes-sociais/>

Existem vários recursos com o uso das diferentes TICs que podem ser usados nas aulas de História. Desde o uso da TV, rádio, vídeo, informática, rádio e mídias, impressas ou não, no contexto escolar, que possibilita uma aula mais dinâmica despertando a compreensão e interpretação dos fatos socioeconômicos e culturais por parte dos alunos.

Ampliando ainda mais a perspectiva apresentada pela autora, é possível igualmente pensar em um uso das TICs que não apenas dialogue com o saber histórico próprio ao ambiente escolar, mas que se proponha a extrapolar as salas de aula, alcançando públicos variados em idade escolar e não-escolar e conferindo meios para a aquisição de conhecimentos em qualquer lugar.

De acordo com o Teia (Territórios, Educação Integral e Cidadania), núcleo de estudos da Faculdade de Educação da UFMG:

[...] na perspectiva de uma educação que seja ampla, a educação é parte fundante de um projeto político de sociedade que tem como propósito a garantia de todo direito a aprender e a desenvolver-se como cidadão ativo. Dessa forma, a educação não pode estar apenas fechada nos muros da escola, sendo necessária uma articulação com outros espaços de formação – família, bairro, organizações sociais – criando, assim, redes de aprendizagem e territórios educativos.

É justamente pensando nessa articulação que se iniciou o desenvolvimento desse trabalho. O ponto de partida foi o interesse em desenvolver uma espécie de sala de aula fora dos muros da escola, algo que estivesse alocado no ambiente virtual das redes sociais – mais precisamente no Instagram – e que pudesse servir ao propósito de ensinar história da África e da cultura afro-brasileira, integrando pessoas das mais diversas faixas etárias, origens e culturas.

Diante da pandemia os esforços profissionais de inúmeros docentes – e nisto me incluo – foram direcionados a desenvolver atividades que pudessem ser cumpridas e/ou mediadas pela internet. Isto gerou um misto de sentimentos e experiências, pois embora entre muitos professores houvesse uma clareza de que não éramos dotados do preparo necessário para lidar com as ferramentas tecnológicas – algo que perpassa carências formativas da graduação e ausência de tempo hábil para o devido aprendizado –, ainda assim era necessário suprir os alunos nas suas demandas de aprendizagem. Foi o momento de “encarar o ambiente digital como um espaço importante de gerir informação e conhecimento” (Monteiro, 2014, p.232).

A despeito dos desafios, muitos docentes conseguiram produzir materiais de qualidade, costurando saberes por meio das mídias digitais. Isso revela a potencialidade daquilo que a historiadora Marcella Albaine (2019) conceituou como “historiografia escolar digital”. A autora defende o “digital” como condição de pensamento, dependendo menos do suporte empregado e mais das práticas culturais que envolvem o seu uso, ou seja, é a defesa da forma como o professor vai se apropriar do meio em prol do seu objetivo pedagógico.

Por meio dessa prática, é possível pensar as tecnologias para além dos usos sociais, utilizando-as para o exercício da democracia e ressignificando-as, pois de acordo com Marcella, o professor tem autonomia para desenvolver sua prática pedagógica possibilitando novos conceitos a partir do uso da tecnologia, dando foco, importância ao processo, ao objeto. Por exemplo, no processo de difusão de conteúdos históricos nas redes sociais, onde há uma apropriação do canal de comunicação, porém o professor que faz uso desse mecanismo ressignifica a utilização dele, possibilita novas discussões sobre o assunto ou novas elaborações de materiais surgem.

Em face a esta realidade posta, optei por produzir vídeos que pudessem explorar elementos da história do Brasil a partir dos sambas-enredo. Desta maneira conseguiria conjugar minha paixão pessoal pelo samba e carnaval, a linguagem das redes sociais e o desejo/necessidade de ensinar história dentro de um contexto no qual a internet tem cada vez mais assumido um lugar central nas relações de ensino-aprendizagem. Este caminho me permitiu

atingir pessoas a partir da ludicidade, criatividade e imaginação, elementos importantes no desenvolvimento cognitivo (Pinto; Tavares 2010, v. 2, n.3, p. 231).

Ainda do ponto de vista temático, é importante ressaltar que o recurso aos sambas representa também uma estratégia de aplicação da Lei 10639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira”, bem como da Lei 11645/2008, que amplia a anterior, definindo a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Após vinte anos da aprovação da Lei 10639/2003, ainda há uma série de dificuldades e embates no que diz respeito à sua aplicação. Não se pode negar que houve avanços. Em contrapartida, há ainda muitos caminhos a se pavimentar no que diz respeito à produção de materiais didáticos e metodologias de ensino, ao processo de formação de professores, à recepção e acolhimento desta temática e à fiscalização das aplicações práticas da lei.

A educação, e nos seus mais variados modelos, é uma ação social que democratiza a produção e a divulgação de conhecimentos, viabilizando, inclusive, o combate ao racismo. Nesse contexto, a efetivação da Lei 10639/2003 se torna importante, uma vez que assim cria-se espaço para a construção de melhores representações da cultura e história africana e afro-brasileira. Para Lopes “a Lei 10639/2003 vem reconhecer a existência afro-brasileira e seus ancestrais (os africanos), sua trajetória de vida brasileira e na condição de sujeitos que contribuíram para a construção da sociedade” (2003, p 19). Considerando o fato de que o Brasil carrega uma história de mais de 300 anos de escravidão marcados por dor, invisibilização e marginalização de uma parcela significativa da população – além de um apagamento histórico que por muito tempo foi a “história que a história não conta”, tal como dito nos versos do samba-enredo do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira do ano de 2019 – é preciso reconhecer a necessidade de se revisitar temas do escravismo colonial, bem como da história negra. Sob tal perspectiva, aprender e ensinar a respeito da história do Brasil nos exige refletir quanto à trajetória de sociedades (haja vista a multiplicidade da experiência histórica dita brasileira) marcadas pela escravização e pela falta de reparação aos cativos e seus descendentes, algo que impacta o senso de liberdade de comunidades inteiras nos âmbitos histórico, econômico, social, político, cultural e educacional.

Parte do impulso para esta pesquisa veio de um senso de defasagem. Afinal, embora a lei já houvesse sido estabelecida, não tive contato algum com disciplinas de história da África nos anos de graduação, o que me conferiu um senso de incompletude e despreparo em situações de monitorias e estágio em sala de aula. Uma vez que já conhecia o conteúdo da Lei 10639/2003, parti para um movimento de indagação junto à universidade, questionando a respeito desta ausência curricular. Essa articulação rendeu alguns frutos, uma vez que diante das demandas a universidade decidiu produzir projetos pedagógicos, promover semanas culturais e desenvolver materiais para que os alunos dos períodos mais avançados do curso pudessem ter acesso a estes conhecimentos.

Ainda desejava de aprender mais, ingressei na Especialização em Ensino de História da África (EEHA) do Colégio Pedro II. Desta forma, pude tanto desenvolver novas discussões acadêmicas, quanto obter informações que poderiam ser usadas em sala de aula e nas minhas produções digitais disponibilizadas pelo Instagram, importante ferramenta de compartilhamento de vídeos, fotos e textos que se encontra disponível nos computadores e, sobretudo, celulares.

Em face ao apresentado, este trabalho tem por objetivo discutir a respeito da potencialidade do ensino da história e cultura afrobrasileiras a partir dos ambientes digitais das redes sociais. Afora isso, pretendo demonstrar isso na prática através da experiência da página Histopectivas. Desta maneira, pretendo pensar em uma educação antirracista – pautada na Lei 10.639/2003 – que rompe os muros da escola e se faz presente nos mais diversos ambientes.

Em termos de organização, este trabalho está dividido em quatro capítulos. No Capítulo 1, intitulado “O uso das mídias sociais no ensino de História” eu desenvolvo a ideia do uso das mídias digitais no ensino de História, reflito a respeito do comportamento das pessoas nas redes sociais e promovo uma discussão a respeito de como a Covid-19 impactou nesse processo de ensino virtual por meio das redes sociais, enfatizando o lugar do Instagram como potencial

ferramenta pedagógica. No Capítulo 2 intitulado “A música enquanto material pedagógico”, abordo a utilização da música enquanto fator de humanização e produção histórica e pedagógica. Discorro sobre o samba e o lugar de ancestralidade, memória e identidade que ele carrega, refletindo sobre como ele pode ser utilizado no ensino de história. No Capítulo 3 intitulado “Colocando em prática conhecimentos de educação e tecnologia”, narro a prática da criação do “Histopectivas” como ferramenta de comunicação e ensino, demonstrando como o uso desta tecnologia me possibilitou propagar do ensino de História. Enfatizo especialmente o projeto “Histo é Samba”, segmento da página especialmente dedicado à articulação entre história e samba. Por fim, no Capítulo 4 intitulado “Proposta de intervenção pedagógica”, ofereço uma proposta de intervenção pedagógica a ser utilizada na educação básica a partir de alguns vídeos produzidos em minha página.

Entendo que este trabalho poderá ser uma boa fonte para se pensar o entrelaçamento entre ensino digital, história e produções antirracistas, fazendo uso especial do samba como forma de valorização da identidade e das memórias negras, elementos tão centrais à nossa formação histórica.

CAPÍTULO 1

O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

O impacto pandêmico no consumo e produção de conteúdos digitais

Os brasileiros estão muito presentes na internet e nas mídias digitais. Dentre os mais jovens esse tipo de consumo é também uma realidade, sobretudo após a pandemia iniciada em 2020.

A Tic Kids Online Brasil, é uma pesquisa realizada desde o ano de 2012, e tem como objetivo gerar evidências sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Essa pesquisa produz indicadores sobre oportunidades e riscos relacionados à participação on-line da população de 9 a 17 anos no país.

A pesquisa usa como método a entrevista com crianças e adolescentes e seus pais/responsáveis. A partir dela são investigadas dimensões de acesso, uso e apropriação de tecnologias de informação e comunicação. A amostra da pesquisa é estratificada e conglomerada em diversos estágios considerando os domínios de interesse para divulgação de resultados.

Segundo a pesquisa de 2023, 97% das crianças e jovens usam celular para acessar a internet. Em relação ao espaço geográfico, 97% das crianças e jovens das áreas urbanas utilizam seus celulares para fazer o acesso, enquanto 96% são as crianças e jovens das áreas rurais que fazem essa utilização. Considerando a dimensão sexual, os usuários do sexo masculino chegam a 96% e do feminino 97%.

Já em relação à frequência do uso, 83% usam mais de uma vez ao dia, 12% apenas 1 vez ao dia, 4% apenas 1 vez na semana e 1% uma vez ao mês. Em relação à área urbana, 85% usam mais de uma vez ao dia, 11% utilizam apenas 1 vez ao dia, 3% 1 vez na semana e 1% 1 vez no mês. Enquanto isso na área rural, 71% usam mais de uma vez ao dia, 20% apenas 1 vez ao dia, 5% 1 vez na semana e 1% 1 vez ao mês. Considerando ambos os sexos 83% usam os celulares mais de uma vez ao dia.

Quanto à natureza do uso, 80% das crianças e jovens usam os aparelhos celulares para realizar pesquisas ou buscas relacionadas à educação ou assuntos da escola. No que diz respeito ao uso das redes sociais, 86% dos entrevistados são usuários de redes sociais, sendo 86% usuários em área urbana e 88% da usuários em área rural.

Diante desse cenário, educadores estão sendo cada vez desafiados a ocuparem esse espaço digital. A esse respeito, Pires (2022, p.6) afirma que:

A pandemia nos mostrou que precisamos nos emparelhar com os aparatos tecnológicos e compreender os campos digitais que permeiam a nossa juventude. O público-alvo da educação são os nossos estudantes, daí a importância de estarmos conectados com a realidade deles já pautada no domínio dos smartphones e Androids.

Acredita-se que a grande quantidade de conteúdos de História disponibilizados nas mídias digitais pode ser analisada e servir como meio de reflexão à elaboração de estratégias de produção do conhecimento histórico que o tornem acessível e prazeroso.

O panorama atual nos impulsiona a pensar em como tornar o conhecimento histórico acessível e a refletir como as mídias digitais podem trabalhar a serviço do Ensino de História.

Para Pires (2022) as mídias digitais servem como novos espaços de atuação do professor de História na medida em que ele pode contribuir com novas formas de construção e disposição do conhecimento histórico a um público amplo.

Ao desenvolver conteúdos digitais no intuito de transportar conhecimento por novos mecanismos, o docente de história delimita o tema, a linguagem, o viés historiográfico e também as mídias sociais digitais, ou seja, os professores se tornam criadores de conteúdos voltados para a educação, no caso, para a História.

Continuando nas ideias da autora Márjorie Pires, em sua dissertação ela afirma que a mídia digital é caracterizada por ser um meio onde há a disponibilidade e acesso de informações, necessitando assim, de um emissor e de um receptor, daquele que emite a mensagem e aquele que recebe a mensagem, sendo mediada pelo canal no qual ambos interagem.

Existem vários exemplos de mídias digitais – Facebook, Instagram, YouTube, X – que também são popularmente conhecidas como redes sociais. Segundo Souza (2008, p 44) elas são “estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e/ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizada”.

Por essas razões, a escolha de uma rede social também afeta no planejamento da produção de conteúdo digital.

Comportamento humano diante as redes sociais no Brasil

Todos os anos a comunidade digital aguarda ansiosamente pelo relatório publicado pela Datareportal, que é a pesquisa global aprofundada no meio digital. Ela é usada desde 2011 como uma das principais fontes de dados para entender o comportamento humano com a internet. O Digital 2023 Global Overview Report, produzido em parceria com a Meltwater, que consiste em um software de inteligência de mídia e monitoramento social, visa ajudar as empresas a promover uma abordagem mais orientada a dados para o envolvimento do cliente com seus produtos.

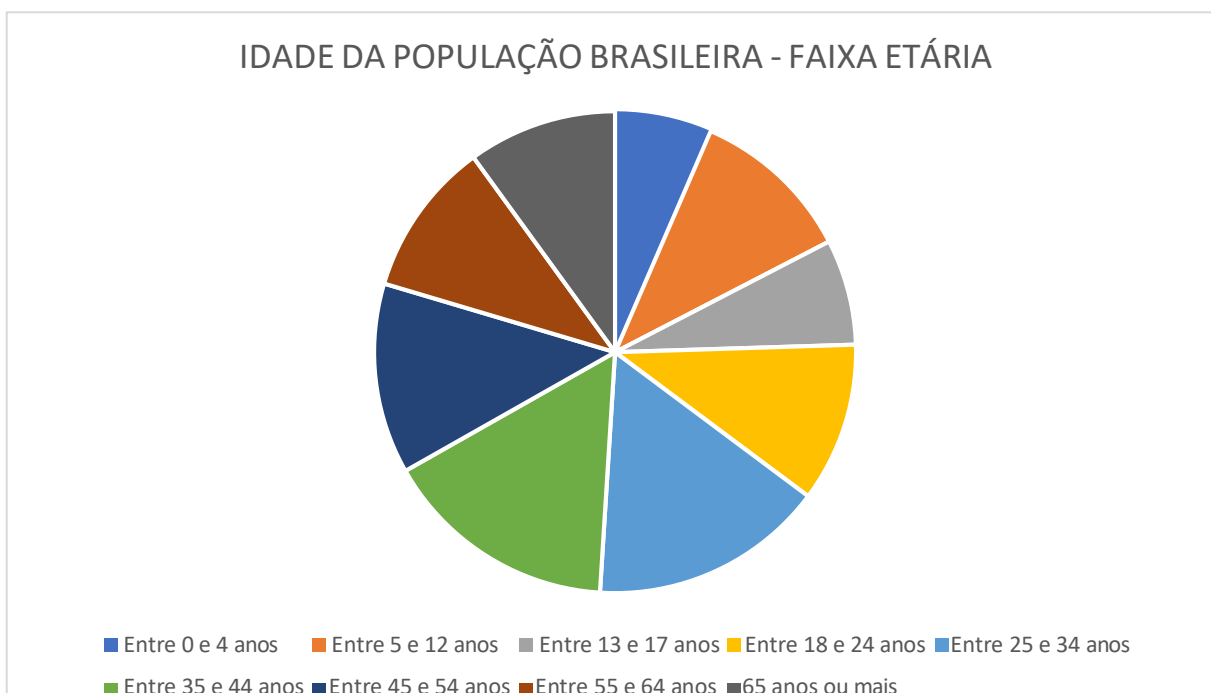
O relatório oferece dados e conhecimentos necessários sobre as últimas tendências do mercado, tanto informações gerais, considerando o aspecto global, quanto específicas, possibilitando pesquisas de caráter regional. Em face a essa possibilidade, analisaremos apenas as perspectivas brasileiras.

Publicada em 12 de Fevereiro de 2023, a pesquisa disponibiliza dados, insights e o conjunto das tendências mais recentes que auxiliam no entendimento de como as pessoas no Brasil usam dispositivos e serviços digitais, projetando inclusive seus próximos passos. Segundo a pesquisa, a população total do Brasil em janeiro de 2023 é de 215,8 milhões de pessoas. Os dados mostram que a população do Brasil aumentou em 977 mil (+0,5%) entre 2022 e 2023. Diante disso, gostaria de destacar:

O Brasil tinha 152,4 milhões de usuários de mídias sociais em janeiro de 2023, o que equivale a 70,6% da população total.

Um total de 221,0 milhões de conexões móveis celulares estavam ativas no Brasil no início de 2023, valor equivalente a 102,4% da população total. Isso mostra que nontanto, há pessoas que utilizam mais de uma ligação móvel, por exemplo, podem ter uma ligação para o uso pessoal e outro para uso profissional. Por isso, os números de ligações móveis excedem os valores totais em relação a população, nos mostrando o quanto conectados estamos e sobretudo a importância do uso das ligações móveis.

Gráfico 1



Observação: as porcentagens podem não totalizar 100% devido a arredondamentos.

Fonte: DATAREPORTAL, "Disponível em: <https://datareportal.com/> . Acesso em: 10 out. 2023.

Já em relação ao uso da Internet no Brasil em 2023, a pesquisa mostra que havia 181,8 milhões de usuários de internet no Brasil em janeiro de 2023. Para efeitos de perspectiva, estes números de utilizadores revelam que 33,97 milhões de pessoas no Brasil não usavam a Internet no início de 2023, sugerindo que 15,7 por cento da população permanecia offline no início do ano.

Contudo, em relação aos usuários de mídias sociais o número total de adeptos reduziu um pouco. De acordo com o levantamento havia 152,4 milhões de usuários de mídias sociais no Brasil em janeiro de 2023, o que representa 70,6% da população total. Apesar disso é importante observar que os usuários de redes sociais podem não representar indivíduos únicos, visto que uma mesma pessoa pode ter mais uma conta em

uma determinada rede social. Ainda segundo a pesquisa, o brasileiro gasta um tempo médio de 3h46m por dia usando redes sociais.

Enquanto isso, dados publicados nas ferramentas de planejamento de anúncios das principais plataformas de mídia social indicam que havia 145,7 milhões de usuários com 18 anos ou mais usando mídias sociais no Brasil no início de 2023, o que equivaleria 89,4% da população total com 18 anos ou mais à época. De forma mais ampla, 83,8% da base total de usuários da Internet no Brasil (independentemente da idade) usaram pelo menos uma plataforma de mídia social em janeiro de 2023, dos quais 54,8% eram mulheres, enquanto 45,2% eram homens.

Instagram enquanto uma ferramenta pedagógica.

Ainda segundo o relatório digital de 2023, o Instagram é a terceira rede social mais utilizada, perdendo apenas para o Whatsapp e o YouTube, respectivamente. Números publicados nas ferramentas de publicidade da Meta (empresa responsável pelas redes Facebook, Instagram e Whatsapp) indicam que o Instagram contava com 113,5 milhões de usuários no Brasil no início de 2023⁶.

Pellanda e Streck (2017) definem o Instagram como um aplicativo de rede social, destinado originalmente à publicação prioritária de imagens previamente tratadas e editadas pelo usuário. Eles explicam que o aplicativo foi originalmente criado para utilização exclusiva em smartphones, através dos quais as imagens seriam produzidas (fotografadas ou pesquisadas e em seguida tratadas) e instantaneamente publicadas, o que permite ao usuário interagir quase que em tempo real com os seus seguidores. Segundo os autores, é dessa noção que advém o nome do aplicativo: o prefixo Insta, proveniente de instantâneo, acrescido de gram, derivado de telegrama. Contudo vale a pena ressaltar que com o passar dos anos, o perfil da rede social sofreu mudanças e mudou significativamente, a partir da inserção de novos mecanismos dentro da plataforma e da utilização cada vez mais potente e dinâmica do Instagram.

Ressaltam também que as funcionalidades do aplicativo, como os “stories”, que tem as mesmas características das publicações da timeline, mas permanecem disponíveis por apenas 24 horas, assim como os reels, o IGTV e as publicações no feed, fazem do Instagram uma ferramenta midiática ágil, e de aproximação com os usuários, se destaca por sua simplicidade de operação e por priorizar o compartilhamento de fotos e vídeos, permitindo uma rápida assimilação dos conteúdos pelos usuários.

Vive-se uma relação cada vez mais intrínseca entre a rede e o ser (CASTELLS, 1999), entre os espaços físicos e virtuais. Não se pode negar a presença da virtualidade nos mais diferentes segmentos da vida: “Afirmo que por meio da poderosa influência do novo sistema de comunicação, mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios, está surgindo uma nova cultura: a da virtualidade real (CASTELLS, 1999, p. 415), nesse caso, o real e o virtual não se anulam, mas se complementam. Desta maneira, a Sociedade em Rede, conceito defendido por Castells, é uma realidade que vem sendo desenvolvida desde o final do século XX, pois é um conceito dentro da sociologia para designar uma sociedade organizada a partir de um sistema comunicacional mediado por tecnologias. Ou seja, é como um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas representado por redes tecnológicas de informação e comunicação que promovem um sistema de interações humanas baseadas em um ciberespaço. As interações dessa sociedade acontecem dentro de um ambiente virtual, ocasionando um imediatismo e facilitação das interações.

Esse processo é resultando um desdobramento histórico em que objetivos políticos, econômicos, tecnológicos e socioculturais formataram os estilos de vida contemporâneos. Interesses, sentidos e práticas são polemizados, construídos, deslocados ou transformados, numa correlação complexa entre diferentes campos que interagem, não de forma mecânica e cartesiana, não apenas como uma máquina com a finalidade de realizar uma determinada atividade, mas algo muito maior, que suscitou a formação de uma cultura, da cibercultura, onde as relações sociais atuais se estabelecem no plano físico e no plano virtual, um está imbricado no outro.

⁶ O Instagram é uma empresa de anúncios pagos e que os usuários usufruem desse mecanismo. Os números revisados recentemente da empresa sugerem que o alcance dos anúncios do Instagram no Brasil era equivalente a 52,6% da população total no início do ano. Também é importante notar que o alcance dos anúncios do Instagram no Brasil no início de 2023 era equivalente a 62,4% da base local de usuários da Internet (independentemente da idade).

Lima (2019) destaca que o mundo digital oportunizou uma nova configuração do alunado, caracterizado por adquirir uma postura ativa, indisciplinada e emissora, deixando para trás uma postura passiva, disciplinada e receptora. Os alunos atuais, que têm acesso à informação de maneira rápida e facilitada, trazem à sala de aula conhecimentos advindos de sites, jogos, filmes e outros meios, ou seja, não restringem suas possibilidades de obtenção de conhecimento aos livros didáticos ou à sala de aula.

Através de outros espaços de aprendizagem eles usufruem de informações, as ressignificando no ambiente escolar.

Portanto, a aplicação pedagógica de redes sociais é plenamente possível, na medida em que elas proporcionam a construção colaborativa e o compartilhamento de conhecimento tanto de forma síncrona, quanto assíncrona. No que tange ao Instagram, a sua capacidade enquanto ferramenta pedagógica reside na sua facilidade de acesso e operação, bem como na rapidez de assimilação e reação ao conteúdo veiculado através de imagens, vídeos e textos. Para além de enxergar o mundo digital como um meio de divulgação e de disponibilização de informação, podemos visualizá-lo como um meio crítico, inclusivo, democrático e sensível, por isso mesmo tão potente, de aprendizagem para o Ensino de história.

No IX Encontro Anual da ABEM⁷ (Associação Brasileira de Educação Musical), realizado no ano de 2000 em Belém (PA), Saviani, em sua exposição na mesa “Currículo e Sociedade”, afirmava publicamente como a música é importante à educação⁸.

[...] a música é um tipo de arte com imenso potencial educativo já que, a par de manifestação estética por excelência, explicitamente ela se vincula a conhecimentos científicos ligados à física e à matemática além de exigir habilidade motora e destreza manual que a colocam, sem dúvida, como um dos recursos mais eficazes na direção de uma educação voltada para o objetivo de se atingir o desenvolvimento integral do ser humano.

Considerando que a música é um fator de humanização e produção histórica, ela pode e deve fazer parte da formação dos indivíduos como elemento de acesso à cultura. Afinal, ela é um dos elementos culturais mais perceptíveis das sociedades, configurando-se enquanto uma linguagem que permeia a experiência humana desde a mais tenra idade e que nos habilita a expressar toda sorte de sensações.

Segundo Carneiro (2019, p.9),

A música sempre esteve muito atrelada à cultura e à história social nas mais diversas situações cotidianas, integrando o desenvolvimento afetivo, a construção social e cognitiva das pessoas, contribuindo para a elevação da competência e criatividade mental do ser humano.

A música é um elemento cultural muito vívido. O percurso histórico da música está diretamente ligado a acontecimentos que marcaram a história e a composição da sociedade. A arte dos sons acompanhou os rituais religiosos, as disputas, a busca por alimento, as festas e demais atividade do cotidiano. Ainda de acordo com Carneiro (2019, p.11),

Os povos indígenas, os primeiros a habitar as terras brasileiras, faziam música com chocalhos, tambores e flauta, dançavam, batiam os pés e cantavam em seus rituais. No século XVII, os escravizados africanos passaram a integrar os rituais religiosos, já os portugueses acrescentaram as baladas lentas tocadas com cavaquinhos e guitarras. A música do Brasil se consolidou unindo elementos europeus, africanos e indígenas, que chegaram através dos colonizadores portugueses, escravos e por nativos que habitavam o território brasileiro.

A música mais do que uma arte é um elemento cultural valioso que contribui para o aprendizado de maneira significativa ao desenvolvimento humano, sendo um elemento de identidade cultural, transmite a cultura entre gerações, transferindo conhecimentos acumulados por gerações passadas. Conforme Tourinho (1996, p.107) “A música não substitui o restante da educação, ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade.”

A inserção da música no contexto educacional como ferramenta no desenvolvimento corporal, auditivo, afetivo, linguístico e mental, favorecendo a memorização e o desenvolvimento do ser, proporciona discussões de temas relevantes ao meio social que propiciam a criticidade e desenvolvem o cognitivo. De acordo com Brito (2003), a principal função da música é promover o ser humano.

⁷ Criada em 22 de Agosto de 1991 com o objetivo de incentivar a criação e implementação de meios eficazes para a produção, documentação e circulação de trabalhos de pesquisa e de reflexões sobre a história, métodos de ensino e a prática da educação musical.

⁸ Essa fala foi por ele retomada em uma entrevista dada em 2020 à Rebeca Amorim e Cássia Ferri da Universidade Regional de Blumenau.

Assim, as atividades musicais são essenciais não apenas para a formação de músicos, uma questão mais profissional, mas para o desenvolvimento pessoal e cultural da pessoa, promovendo expressões emocionais que contribuem significativamente para a formação integral do ser.

O contexto histórico em que está inserida a educação é atualmente um campo de pesquisa que incentiva e desafia, o ensino, as instituições educativas e as pessoas que delas participam. Segundo o professor Aristeu (2003) “para a escola estar inserida e articulada ao contexto social é preciso pensar em uma educação dinâmica, humanística, formativa e acima de tudo democrática”. Sendo assim, cada dia mais os educadores têm sido confrontados com a necessidade de incluir, a dimensão interdisciplinar e a pesquisa constante em suas atividades.

Em um mundo em que se torna necessário aprender estratégias e metodologias que permitam estabelecer novas relações de ensino, é imprescindível buscar concepções de aprendizagem inseridas nesse contexto. Afirmando essa concepção de educação, Seffner – em seu texto intitulado “Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula” –, desenvolve a ideia de que o ensino de História é um ensino de situações históricas. Mais do que nomes, datas e acontecimentos, o professor deve propiciar ao aluno a compreensão de como se estrutura uma dada situação, seja ela de revolução, eleição, “descoberta”, invasão, guerras, modos de viver, de trabalhar, de cuidar da terra, de estabelecer moedas e de comerciar com outras regiões...

Entendendo assim que a sociedade é dinâmica e o ensino de História também é, adequando-se a novas estratégias de ensino e novas propostas metodológicas, proporcionando novas e eficientes práticas pedagógicas.

E a música é uma dessas estratégias de ensino, pois a linguagem musical constitui, como já percorrido nessa pesquisa, um dos principais meios de desenvolvimento intelectual, social e emocional de jovens na sociedade contemporânea. Constrói a rede que possibilita o estabelecimento de relações sociais e afetivas entre os jovens e, simultaneamente, afirma-se como um instrumento de mediação com o mundo que o rodeia.

No que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, voltado para o foco do trabalho, que é o Ensino de História, a oferta musical que se adequa aos diferentes contextos históricos é abundante e variada, como afirma Carvalho (2015, p.27):

Esta (a música assume um papel importante para o contexto histórico e social, pelo que se pode revelar como uma boa ferramenta no sentido de motivar e ampliar o conhecimento dos alunos sobre os períodos históricos a estudar, uma vez que procura utilizar o mesmo princípio subjacente ao elo de ligação que a música cria com o presente, aplicando-o ao passado.

Ou seja, a música surge como um recurso capaz de captar a atenção, permitir a contextualização histórica e motivar pessoas para o estudo, em especial, à História.

Samba, ancestralidade, lugar de memória e identidade

“Samba, a gente não perde o prazer de cantar
 E fazem de tudo pra silenciar
 A batucada dos nossos tantãs
 No seu ecoar o samba se refez
 Seu canto se faz reluzir
 Podemos sorrir outra vez
 Samba, eterno delírio do compositor
 Que nasce da alma, sem pele, sem cor
 Com simplicidade não sendo vulgar
 Fazendo da nossa alegria seu habitat natural
 O samba floresce do fundo do nosso quintal
 Este samba é pra você

Que vive a falar, a criticar
 Querendo esnobar, querendo acabar
 Com a nossa cultura popular
 É bonito de se ver
 O samba correr pro lado de lá
 Fronteira não há pra nos impedir
 Você não samba mas tem que aplaudir”

(A batucada dos nossos tantãs Composição: Adilson Gavião / Robson Guimarães / Sereno
 Grupo Fundo de Quintal – 1996)

O samba é conhecido como um gênero musical originado nas comunidades afro-brasileiras no século XX, mas para além disso, é um movimento cultural, filosófico, estético e político resultante da diáspora africana. Enquanto forma de expressão cultural negra, o samba faz parte do mundo do Atlântico negro, numa movimentação entre África, Europa e o Novo Mundo, segundo Freire (2021, p.66),

A música, no mundo do Atlântico negro, tem papel fundamental de sobrevivência no processo da diáspora africana, como forma de expressão, comunicação, construção de conhecimento e resistência negra diante da cruel realidade em que os negros estavam inseridos, além de preservar elementos culturais referentes a suas origens. No Brasil, o samba é herança diaspórica e ocupa esse importante lugar como forma de expressão cultural afro-brasileira de resistência.

De acordo com Moura (1994, p.178), historicamente é possível compreender a inviabilidade da ideia de África como território homogêneo e monocultural, vide as “Áfricas” em sua total pluralidade, existentes dentro do território continental, em sua magnitude histórica [...] a África era um mosaico de culturas e não aquele conglomerado de indivíduos igualados no nível de semi-animalidade como afirmavam os colonizadores.

Nos processos diaspóricos, essa impossibilidade de comunicação, visto a diversidade linguística e cultural presentes na diáspora, fez com que os grupos buscassem uma maneira para dialogar, criassem métodos, como no toque dos instrumentos e danças, de comunicação. Ainda segundo Moura (1994, p.178-179) [...] um código da linguagem abrangente e capaz de fazer com que os membros dos grupos étnicos os quais falavam línguas diferentes passassem a se entender na condição de escravos, possibilitando assim a comunicação, a resistência e a coletividade.

A história dominante instituiu a subalternização das culturas negras, devido a um pensamento e vínculo de dominação social e econômica, mesmo que tenha havido a incorporação de elementos, vocabulários, vestuário, culinária, música, arquitetura, política e economia referente as “Áfricas”.

Historicamente é possível perceber que a expressão cultural negra, fruto da diáspora africana, sempre ocupou lugar de sobrevivência e resistência diante da realidade racista e opressora que acontecia, e ainda se faz presente no Brasil.

O samba enquanto música negra é fundamental para esse processo de ruptura do racismo e resistência de uma cultura afro brasileira, pois a musicalidade e corporeidade que nele estão presentes vem da transmissão de saberes e fazeres de uma memória africana mantida pela tradição oral e experienciada por práticas brasileiras.

Ele nasce no Brasil no início do século XX. Muito se questiona onde ele surge, no Rio de Janeiro ou na Bahia, porém é inegável a sua relevância história, cultural, política e social. Segundo o Dicionário Etimológico a palavra “samba” tem sua origem no quimbundo – um dos vários idiomas bantos da África, falado principalmente na região do noroeste da Angola –, sendo oriunda da palavra “semba”, correspondente a uma dança religiosa que levava este nome (umbigada) devido a forma como era dançado. Há também outra linha teórica que afirma que a palavra teria origem no umbundo – também uma língua banto – e significaria “estar animado” ou “estar excitado”.

A Escola de Samba Unidos de Vila Isabel fez uma alusão a essa questão no seu sambarenredo de 2012:

“Semba de lá, que eu sambo de cá
Já clareou o dia de paz
Vai ressoar o canto livre
Nos meus tambores, o sonho vive (a Vila)...”

(Você semba de la, que eu sambo de cá. G.R.E.S.Unidos de Vila Isabel.
Compositores: André Diniz / Arlindo Cruz / Artur Das Ferragens /
Evandro Bocão / Leonel. 2012)

É necessário reconhecer o valor do samba, a sua história, resistência e a sua existência. Pensando nisso, mobilizar o samba em suas mais variadas vertentes (samba de roda, sambarenredo, samba de embola, samba de caboclo) através da educação é uma maneira de exaltar a nossa cultura e história, produzindo mecanismos para um ensino lúdico e representativo.

O samba, manifesto do povo, celebrado nos quintais das casas das tias baianas, mulheres essas que foram e são fundamentais para a existência do mesmo, que vieram para o Rio de Janeiro na “Diáspora Baiana”, o êxodo que trouxe escravos libertos para o “mercado livre” na então capital do país, surge como movimento cultural, político, econômico, social, de alegria e integração, como definido por Nunes (2019, p.53):

[...] as Baianas – mulheres negras egressas de Salvador e cidades do Recôncavo do estado da Bahia – desembarcam no Rio de Janeiro em meados do século XIX, então capital nacional, aí emergindo no imaginário coletivo como porta-vozes de uma ancestralidade que representa uma perspectiva de nacionalidade que anuncia, enuncia, integra e identifica socioculturalmente uma parcela significativa da população deste país.

Essas tias baianas tiveram um papel preponderante no cenário de surgimento do samba no Rio de Janeiro entre o final do XIX e início do XX. Além de transmissoras da cultura popular trazida da Bahia, e sacerdotisas de cultos e ritos de tradição africana – elo de fé, misticismo, acolhimento, resistência, musicalidade –, eram grandes quituteiras e festeiras, reunindo em torno de si a comunidade que inundava de música e dança suas celebrações.

Mulheres inspiradoras como Tia Amélia (mãe de Donga), Tia Prisciliana (mãe de João de Baiana), Tia Veridiana (mãe de Chico da Baiana) e Tia Mônica (mãe de Pendengo e Carmen do Xibuca). Ciata de Oxum, mais conhecida como Tia Ciata, era uma das “Tias Baianas” que abençoavam o samba no quintal antes do batuque começar. Sua casa, na Rua Visconde de Itaúna, no Rio de Janeiro, era conhecida como a capital da “Pequena África”. Dos seus frequentadores habituais, que incluíam Pixinguinha, Donga, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Sinhô e Mauro de Almeida, nasceu o samba.

Deram origem, anos mais tarde, à ala das Baianas, que segundo Torres (2019, p.19):

Inserida nos anos de 1930, a ala mais tradicional é a ala das baianas, que representa as tias quituteiras, que acolhiam os sambistas em rodas de samba. Usavam-se as roupas característica das baianas compostas pelo torso, bata, pano da costa, saia rodada e seus colares. Atualmente, sua roupa é adaptada para representar um aspecto do enredo, fazendo com que desapareça os elementos típicos. A dança é definida pelo giro para os dois lados e quando a ala toda faz esse movimento ao mesmo tempo gera um belíssimo efeito visual.

Nasce o samba urbano carioca, a forma mais conhecida de gênero musical, que tem

relação mais direta com o samba de roda, estilo musical tocado em rodas de dança e rodas de capoeira. O termo samba, nesse contexto, tinha o sentido de “festa”.”

Desde a origem das grandes sociedades carnavalescas e dos ranchos no início do século XX, o carnaval vinha sendo festejado nas ruas da então capital do Brasil. Já havia uma ideia de profissionalização e de debates culturais e sociais sobre o carnaval, porém tudo se intensifica com o surgimento e desenvolvimento das escolas de samba.

O samba organiza a sociedade negra no pós-abolição, e a ascensão dele está relacionada com a transformação do Carnaval como a principal festa popular do Brasil.

Assim, o samba tornou-se um dos símbolos da “brasilidade”, e, como aponta a historiadora Lilia Schwarcz em seu livro “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira”, “o samba passou da repressão à exaltação” (Schwarcz, 2012, p.59) e a ser enxergado como um traço da cultura brasileira merecedor da exportação. Esse processo, tinha relação com a construção da identidade brasileira, passando também por um processo de “desafricanização” dessa expressão cultural. Era preciso criar uma identidade propriamente brasileira, sem heranças exteriores, no caso, africanas, de origem escrava, foi uma tentativa de “embranquecer” esse gênero musical.

A partir desse movimento de exaltação, o samba, e conseqüentemente o carnaval, passou a ser cada vez mais integrado à cultura brasileira. Ao longo dos anos os desfiles das escolas de samba foram ganhando corpo próprio com normas, escolas, modelos de desfile e uma nova “casa”, a Marquês de Sapucaí, oficialmente chamada de Passarela Professor Darcy Ribeiro. Ela foi inaugurada em 1984 para sediar “o maior evento do planeta”, que antes chegou a ocorrer na Rua Rio Branco, no estádio de São Januário e na Avenida Presidente Vargas.

Tudo isso faz com que o samba e o carnaval sejam elementos relevantes na história nacional. O apreço global pela festa reforça ainda mais sua importância. Pessoas de todo o mundo são seduzidas pelas narrativas próprias ao desfile, o que tem produzido olhares e interesses a essa manifestação cultural.

Pensando no ensino de história, e em especial no ensino de história da África, o trabalho com o samba pode ser um bom instrumento na articulação entre conteúdos escolares, memória, identidade, ancestralidade, corporeidade e musicalidade.

Em face a estes apontamentos, incluir o samba como instrumento pedagógico é também uma forma de atender a um determinante político, uma vez que dialoga e se insere nas demandas da lei 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade da presença da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” dentro das disciplinas curriculares dos ensinos fundamental e médio.

Samba enredo no ensino de História e suas encruzilhadas

“(…) E assim, quando a lei foi assinada
 Uma Lua atordoada assistiu fogos no céu
 Áurea feito o ouro da bandeira
 Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel
 Meu Deus! Meu Deus!
 Se eu chorar, não leve a mal
 Pela luz do candeeiro
 Liberte o cativo social”

(Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão? G.R.E.S.Paraíso Tuiuti. Compositores: Cláudio Russo / Anibal / Jurandir / Moacyr Luz / Zezé. 2018)

Sendo o carnaval uma das mais importantes manifestações culturais brasileiras, e o samba-enredo uma de suas grandes potencialidades musicais, surgem possibilidades de interseções entre os campos da educação e cultura. Segundo Souza (2022), as obras do gênero abordam amplamente marcos e vultos históricos nacionais, religiosidade, literatura, lendas e manifestações culturais que celebram a negritude.

Pensar, pesquisar, desenvolver um trabalho sobre carnaval, samba e samba-enredo parte também de um lugar afetivo que pressupõe amor. Sentimento forte que marca a minha história e que não poderia ser deixada de lado, pois define o “meu eu”, pois as minhas experiências me moldam, e devido a isso, estão presentes também na minha atuação na educação.

No livro “Fogo no Mato. A Ciência Encantada das Macumbas”, (2018) os autores Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, propõe um conjunto de ensaios, uma interpretação do Brasil, a partir dos saberes populares. Os autores defendem a ideia de “se habitar o mundo a partir de uma perspectiva das encruzilhadas”, afirmando que no Brasil temos a capacidade da “ginga”, ou seja, é o requebro, o bamboleio, a capacidade de se movimentar e de se balançar.

A grande potência da encruzilhada, é o caminho das possibilidades, sendo assim, um “estado de disponibilidade”. Segundo Simas em entrevista dada à Leonardo Nascimento (2018) “Viver na encruzilhada, é um estado de disponibilidade. Um estado de disponibilidade pras miudezas do cotidiano que desvelam muitas coisas, um estado de disponibilidade na posição de pesquisador, de alguém que reflete, que tem produção intelectual. A disponibilidade para saber que a prática pode mudar radicalmente as suas perspectivas iniciais, porque o saber precisa ser praticado. Ou seja, apenas exercitando as possibilidades, através do requebro, é possível cultivar frutos, no caso, produções educacionais.

E é justamente essa capacidade de mexer para um lado ou para outro, que a “ginga” proporciona, que a pesquisa para a realização desse trabalho ocorre. É a “potencia das possibilidades” de trabalhar com o uso da tecnologia, na criação de conteúdos digitais para as redes sociais, usando como fonte histórica os sambas enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro, com a temática sobre as Áfricas, em prol de um ensino de História lúdico, eficaz, diferente e que valoriza a cultura afro-brasileira, tendo um alcance que as mídias oferecem, dando luz à cultura, memória, identidade, história, ancestralidade, regionalidade de um povo.

CAPÍTULO 3

COLOCANDO EM PRÁTICA CONHECIMENTOS DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

“Histopectivas” como ferramenta de comunicação e ensino de História

Em 2020, durante o afastamento social causado pela Covid 19, ferramentas virtuais se tornaram ainda mais importantes e houve o incremento da produção digital em vista das múltiplas necessidades laborais, educacionais e relacionais das pessoas.

O “Histopectivas” é fruto justamente deste cenário. Ele surge diante do desejo e necessidade de me comunicar e, sobretudo, trocar experiências, vivências e aprendizados.

Inspirada nas famosas LIVES do Instagram – que são conteúdos reproduzidos ao vivo para os usuários – criei uma conta em maio de 2020 no intuito de reunir amigos para construir diálogos informais a respeito de educação, perspectivas sobre o futuro pós- pandêmico, sonhos pessoais e memórias. A ideia era conferir importância à fala e identidade de todos os entrevistados participantes, tudo isso dentro do enquadramento dinâmico próprio ao aplicativo em questão.

Ao longo dos primeiros meses conversamos sobre saúde mental, combate às Fake News em tempos de pandemia, religiosidade e suas diversidades, samba e carnaval, desenvolvimento de projetos culturais, jornalismo e mídias digitais, estética e busca de uma beleza ideal, educação, ensino de História, interdisciplinaridade (juntamente com educadores das áreas de biologia, geografia, português), mecanismos pedagógicos voltados aos ambientes virtuais, educação antirracista, além de outros assuntos que surgiam no decorrer das conversas.

Mesmo a experiência na página ser muito produtiva, houve uma lacuna de tempo, iniciada devido ao meu processo iniciático no candomblé, onde eu me mantive em contato com a minha espiritualidade e por um tempo fiquei longe da minha rotina, e também devido a outros projetos que desenvolvi ao longo dos dois anos em que a página se manteve sem movimentação.

Histopectivas é resgatada pela necessidade de comunicação, não mais impulsionada por um sentimento de querer estar próxima das pessoas, e sim, com o sentimento de querer propagar conhecimentos através da tecnologia.

Ser aluna do Programa de Pós-graduação do Colégio Pedro II, do curso de Especialização em Ensino de História da África, e estar em contato constante com colegas de profissão desenvolvendo as suas diversas práticas de ensino, reacendeu o desejo de expandir conhecimentos e trocar experiências.

Por meio da disciplina “História da África, entre os séculos IX e XVI, e a reelaboração de narrativas no ensino de História”, ministrada pelo professor Doutor Higor Figueira Ferreira, foram promovidos debates a respeito de como levar às salas de aula – e também para além delas – conteúdos sobre História da África, recorrendo à cultura popular e às conexões daí oriundas. Nestes diálogos foi apresentada, como uma das possibilidades, o desenvolvimento de vídeos para as mídias digitais a partir dos próprios aparelhos celulares. A ideia, inclusive, foi aplicada como avaliação final da disciplina, de modo que todos os estudantes precisaram roteirizar, gravar e editar um vídeo ensinando algo que fora debatido nos textos a respeito do continente africano.

A partir dessa troca de conhecimentos, manifestou-se em mim um desejo ainda maior de pensar o ensino de história para além das salas de aula e das instituições de ensino. Como eco desse processo, resgatei a página “Histopectivas”, entendendo que ela poderia ser utilizada para propagar conhecimento do campo. É neste momento que surge o quadro “Histo é Samba”, que consiste na ideia produzir e disponibilizar vídeos através dos quais eu possa tratar de temáticas africanas e afro-brasileiras por intermédio dos sambas-enredo do carnaval carioca, fazendo uma pequena análise sobre o significado histórico e cultural daquela poesia.

“Histo é Samba” – do carnaval à ludicidade

Como primeiro passo passei a levantar os sambas com os quais eu desejava trabalhar, selecionando temáticas e estrofes que pudessem conduzir minhas reflexões. Após esse trabalho inicial eu poderia enfim partir para a roteirização, gravação, edição e publicização dos vídeos.

Ao fim do processo de seleção dos sambas-enredo, passei a organizar os roteiros a partir do levantamento de algumas informações, a saber:

- 1) Nome da escola.
- 2) Compositores do samba.
- 3) Intérprete.
- 4) Ano do desfile e Enredo.
- 5) Contextualização histórica e dados curiosos a respeito do fato retratado, das personalidades descritas, da efeméride mencionada, etc.
- 6) Exemplos contemporâneos da situação descrita na canção / aproximações históricas
- 7) Estrofe(s) marcante(s) que pode(m) servir como ponto de partida.
- 8) Curiosidades e registros visuais (fotos e vídeos).

Uma vez munida desses dados, eu passava ao processo de escrita do roteiro, momento em que minhas análises eram feitas.

Os dois primeiros vídeos postados na página, foram, respectivamente, a respeito do samba-enredo de 1988 produzido pela Estação Primeira de Mangueira, que cantou “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?” e do samba-enredo de 1989 da Imperatriz Leopoldinense, que cantou “Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós”.

Os levantamentos foram realizados através de fichas, como vistos nos modelos a seguir:

Tabela 1: G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira de 1988, com o enredo “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?”

NOME DA ESCOLA DE SAMBA	ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA
AUTORES	Alvinho / Helio Turco / Jurandir
INTÉRPRETE	José Bispo Clementino dos Santos (Jamelão)
ENREDO	100 Anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?
ANO DO DESFILE	1988
CONTEXTUALIZAÇÃO	14 de Maio de 1888: dia após a abolição. Houve um aparato governamental aos agora ex-escravizados? Em quais condições a Lei Áurea foi assinada? Código Penal 1890 de e constituição federal de 1988.
EXEMPLOS ATUAIS	Max Angelo dos Santos agredido em São Conrado por uma ex atleta em Abril de 2023

ESTROFE MARCANTE	“Será que já raiou a liberdade Ou se foi tudo ilusão Será, oh, será Que a Lei Áurea tão sonhada
------------------	--

	Há tanto tempo assinada Não foi o fim da escravidão”
HÁ REGISTROS EM VÍDEO E FOTO DO DESFILE?	Sim

Fonte: O autor, 2023.

Tabela 2: G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense de 1989, com o enredo “Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós”.

NOME DA ESCOLA	Imperatriz Leopoldinense
AUTORES	Jurandir / Niltinho Tristeza / Preto Jóia / Vicentinho
INTÉRPRETE	Domingos da Costa Ferreira (Dominguinhos do Estácio)
ENREDO	Liberdade, Liberdade, abre as asas sobre nós!
ANO DO DESFILE	1989
CONTEXTUALIZAÇÃO	Movimentos individuais e coletivos de personalidades negras que impulsionaram a abolição e movimentos abolicionistas. Desconstrução da ideia de Isabel a “heroína”.
EXEMPLOS ATUAIS	Relevância de exaltar Dandara, Zumbi, Luisa Mahin, Luiz Gama, José do Patrocínio, André e Antonio Rebouças, Joaquim Nabuco, Dragão do Mar, Maria Filipa, Teresa de Benguela, Maria Firmina dos Reis, esperança Garcia....
ESTROFE ESCOLHIDA	“Pra Isabel, a heroína Que assinou a lei divina Negro, dançou, comemorou o fim da sina”
HÁ REGISTROS EM VÍDEO E FOTO DO DESFILE?	Sim

Fonte: O autor, 2023.

Após o processo de pesquisa e escrita das fichas, a etapa de idealização dos vídeos se inicia. Pensa-se sobre a estética do vídeo e sobre o trecho escolhido. É necessário conter no vídeo todos os tópicos abordados nas fichas, dar foco ao nome da escola, enredo e ano do desfile, assim como o nome dos compositores, a fim de valorizar esses poetas do samba. Após esse processo de apresentação, é colocado no vídeo a parte do desfile no qual consta o trecho do samba que será debatido, e por fim, vem a parte das abordagens conteudistas, abrindo espaços para o debate de ideias.

A página “Histopectivas” pode ser acessada através desse QRCode, assim como os vídeos do projeto “Histo é Samba” e as demais propostas da página.

Imagem 1: QRcode da página Histopectivas no Instagram para acesso aos vídeos descritos nesse trabalho.



Os vídeos produzidos são idealizados com o intuito de levar conhecimentos e trocar informações com todos os que tiverem acesso a eles. Possibilitando o acesso a conteúdos de História da África e afro-brasileira a partir do carnaval por meio de vídeos propagados em rede social.

O resgate do conceito de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino se faz necessário, pois os autores em seu livro “Fogo no Mato. A Ciência Encantada das Macumbas”, (2018) defendem a ideia de “se habitar em um mundo a partir de uma perspectiva das encruzilhadas”. As “encruzilhadas” desenvolveram esse trabalho, e a potencialidade delas em proporcionar novos debates, experiências e aprendizados, faz com que haja diferentes percepções sobre os conteúdos apresentados nos vídeos, múltiplas interpretações. E a cada sentimento diferente propicia uma nova abordagem e novos caminhos, para novas encruzilhadas de informações, análises, pesquisas, práticas educacionais e inspirações.

CAPÍTULO 4

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Encruzilhada pedagógica: “Histo é samba” como ferramenta de continuidade

Os vídeos do projeto “Histo é Samba” se tornam uma obra coletiva a partir da pluralidade das sensações e questionamentos que a interação com eles causa. Por meio deles, novas práticas pedagógicas voltadas ao ensino de História, em especial, ensino de História da África e afro brasileira, podem surgir e assim movimentar a educação. Este trabalho, propõe novas perspectivas, através de gatilhos positivos que esses vídeos geram.

A proposta pedagógica dessa pesquisa, continua trabalhando com o samba como fonte histórica e tecnologias como mecanismos de colocar em prática os conhecimentos adquiridos.

O estímulo desse trabalho é propor uma continuidade a partir dos vídeos criados na página “Histopectivas”. O impulso seria trabalhar a ludicidade, criatividade e a História com os alunos em sala de aula.

Essa atividade pode ser realizada ao longo dos anos do Ensino Fundamental 2 ou do Ensino Médio, de acordo com o tema proposto em alguns dos vídeos e se baseando na BNCC.

Por exemplo, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, os alunos do 9º do Ensino Fundamental, tem como objeto de conhecimento “A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição”. Assunto que se adequa a um dos vídeos do projeto “Histo é Samba”, no que diz respeito ao samba do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira de 1988, com o enredo “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?”.

Atividade: “Histo é Samba” germinando novos frutos

O disparador dessa proposta, em questões de exemplo, é o samba do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira de 1988, com o enredo “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?” (porém ressaltar que os outros vídeos, também podem e devem ser trabalhados). Esta proposta sugere abordar a musicalidade, através do samba-enredo e do carnaval, juntamente fazendo o uso da tecnologia através dos vídeos postados na rede social para desenvolver debates sobre História africana e afro-brasileira.

A partir do disposto na Base Nacional Comum Curricular, é possível mobilizar o vídeo como instrumento para iniciar um debate a respeito dos negros no pós-abolição, abordando elementos culturais e sociais de resistência e identificando os seus mecanismos de inserção socioeconômica na sociedade brasileira. A partir disso poderiam ser iniciadas discussões sobre a importância da participação da população afrobrasileira na formação social, política, cultural e econômica da sociedade brasileira, procurando articular passado e presente.

Aplicação da proposta pedagógica

De antemão essa pesquisa afirma o compromisso perante a educação e sobretudo sobre a autonomia das instituições de ensino em relação aos métodos aplicados ao ensino e aprendizagem e suas ferramentas, isso quer dizer, que defendo o uso de produtos frutos da internet, como a utilização de vídeos, no processo educacional e não o uso da mesma em sala de aula.

Dito isso, a proposta de intervenção pedagógica se inicia com o professor apresentando o vídeo do canal Histopectivas para seus alunos como uma fonte histórica. Para este exemplo de proposta, será abordado o vídeo do projeto “Histo é Samba” inspirado no samba da Estação Primeira de Mangueira, de 1988, com o enredo, 100 Anos

de Liberdade: Realidade ou Ilusão?

Tabela 3: Organização da proposta pedagógica

Componente curricular	História
Segmento e ano de escolaridade	9º ano do fundamental
Modalidade de ensino	Presencial
Conteúdo programático	Abolição da escravatura e pós-abolição
Recursos didáticos	Datashow , Caixa de som, Pendrive / Notebook / Celular, Folha com a letra do samba enredo impressa
Sistematização	Tempo necessário à atividade: 2 tempos de aula Trabalho proposto: trabalho em grupo

Fonte: O autor, 2023.

Objetivo geral:

- Trabalhar a temática afro-brasileira por intermédio do samba e da análise de um produto audiovisual dedicado a esta temática disponível na internet.

Objetivos específicos:

- Refletir sobre o lugar do carnaval e do samba na sociedade brasileira
- Analisar o samba “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?”
- Associar a temática presente no desfile da Mangueira com os processos de abolição e desdobramentos do pós-abolição no Brasil.
- Reforçar que as mídias digitais podem ser utilizadas para a construção de saberes

Recursos didáticos:

- Utilizando a caixa de som, para fazer a transmissão do áudio do samba do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira do ano de 1988, com o enredo “100 anos de liberdade: realidade ou ilusão?” dos compositores Alvinho / Helio Turco / Jurandir, juntamente com a xerox da letra do samba, entregue aos alunos, para que eles possam ir acompanhando a letra a medida que eles escutam.

Após a escuta do samba, utilizando os mecanismos como o pendrive, notebook, celular, que salvam o vídeo da página Histopectivas no Instagram e possibilita que ele seja compartilhado, usa-se o detashow com o auxílio da caixa de som, para que os alunos vejam o vídeo, que é uma prática de ensino de História com novos debates, que surge através do samba enredo que eles haviam escutado anteriormente, fazendo com que eles passem a ver o vídeo como fonte histórica e de aprendizagem.

O objetivo de usar esses recursos didáticos, em especial os conteúdos retirados da internet, mostra aos alunos a oportunidade de uma nova prática pedagógica, utilizando as ferramentas que ela nos proporciona e não à exaltação da utilização de aparelhos tecnológicos em sala de aula.

Procedimento metodológico:

- 1) Passar o vídeo do “Histo é Samba”
- 2) Após o vídeo levante as seguintes questões norteadoras:
 - O que você acha que aconteceu com os ex-escravizados no dia 14 de maio de 1888?
 - Como se deu a inserção dos negros no período republicano do pós abolição?
 - Quais foram os movimentos de resistência social, cultural e política de cultura

afro brasileira no processo da abolição?

- Como se dava o imaginário nacional brasileiro na transição do Império para a República em relação a inserção dos negros na sociedade brasileira no pós abolição? Quais são os resultados desse imaginário na sociedade contemporânea?

- Qual foi a importância da participação da população negra na formação econômica, política, cultural e social do Brasil?

- Qual é a importância do samba e/ou carnaval para a História do Brasil, em especial para a História do Rio de Janeiro?

- De que modo utilizar o samba e/ou o carnaval como mecanismo de entendimento da História é relevante?

3) Depois do debate, propor que a turma se divida em grupos, a fim de cada grupo criar o seu próprio vídeo, possibilitando aos alunos uma autonomia para a organização do tempo, do desenvolvimento da argumentação, resiliência, ludicidade e conhecendo novas fontes históricas.

4) Proposta de desenvolvimento e abordagem: trabalho “para casa”, podendo ser a avaliação final do bimestre ou trimestre, ou um dos componentes de nota dos mesmos (ficando a critério do professor mediador). Dar continuidade ao processo de compartilhar conhecimentos da História da África através de vídeos. É proposto que cada grupo de alunos, desenvolva o seu próprio vídeo de no máximo cinco minutos, onde eles responderão uma pergunta central, disparadora de análise, feita pelo professor. No caso dessa aula, descrita como um protótipo de desenvolvimento dessa prática, a pergunta central para o debate dos alunos é o título do enredo da Mangueira de 1988 “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?”. Resgatando aqui a ideia de Marcella Albaine (2019), onde o digital depende menos do suporte empregado e mais das práticas culturais que envolvem o seu uso.

O objetivo é que os alunos desenvolvam suas habilidades de comunicação e criatividade para responderem com base conteudista e coletivamente a pergunta central e desenvolverem o vídeo justificando a resposta.

Avaliação:

Seria um acompanhamento do professor ao longo de todo o processo, visto que essa prática é pensada para ser realizada como um trabalho “de casa”. É necessário observar se o que foi proposto foi cumprido, como:

- o “Em casa” os alunos poderão rever os materiais usados na aula (samba enredo da Mangueira e o vídeo da página Histopectivas) para servirem de embasamento para a criação dos seus vídeos. Esse é o momento no qual os alunos colocam em prática o que se espera no que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia deles, para que eles se organizem em relação ao tempo dado para a apresentação do vídeo, em relação a como o grupo irá se organizar em relação as opiniões que cada componente terá ao responder a pergunta disparadora e como eles debaterão a questão para colocar as ideias no vídeo, além de desenvolverem, no momento da criação do vídeo, a ludicidade, seja na maneira dos argumentos apresentados ou na própria apresentação deles, seja na escolha das fontes que embasam os seus argumentos, seja na produção...

- o A pergunta disparadora foi respondida no vídeo?

- o Os alunos apresentaram argumentos, fotos e vídeos, exemplos, embasamento histórico, curiosidades a fim de comprovar os seus argumentos?

- o Eles se propuseram a participar de uma nova prática pedagógica (criação de vídeos), dando oportunidades para novos conhecimentos?

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo ressaltar a importância do ensino de História da África e afrobrasileira através da exaltação cultural e política do carnaval, na valorização das poesias dos sambas-enredo e utilizando das tecnologias por meio da rede social Instagram através de vídeos, para que o conhecimento histórico atravesse as barreiras da sala de aula e novos debates surjam.

Ter a oportunidade de apresentar poesias contidas nos sambas-enredo para pessoas que podem não ter tanta aproximação com o carnaval, é uma chance de visibilizar uma história e cultura tipicamente brasileira e carioca. Em cada estrofe estão memórias e identidades das diversas “Áfricas”.

Diversidade essa demonstrada nas letras dos sambas e na produção dos vídeos. Utilizar essas práticas para uma educação antirracista e contra hegemônica se faz necessário, para além do cumprimento da lei, pois é visto a viabilidade de criar novas práticas pedagógicas a partir do uso das redes sociais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Rebeca; FERRI, Cássia. **Entrevista Arte e educação integral na concepção histórico-crítica: uma entrevista com Demerval Saviani**. Universidade Regional de Blumenau. SC, 2020.

ARAGÃO, Fernando Bôto; FARIAS, Fabíola Gomes; MOTA, Márcio de Oliveira; ASSIS, Vanessa Santos de; FERREIRA, Andressa. **Marketing de influência: A era do Digital Influencer**. Encontro de Marketing Crítico – UESB. 2018.

AZEVEDO, Amailton Magno. **Samba: um ritmo negro de resistência**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 70, ago. 2018; p. 44-58 [Acesso 15 dez 2020] Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n70/2316-901X-rieb-70-00044.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/pesquisar?q=Hist%C3%B3ria&t%5B%5D=38>

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003

CALDAS, Graça; CAMARGO, Vera Regina Toledo. **Mídia na escola e a leitura do mundo: A educomunicação como incentivadora de novos conhecimentos**. Revista Com Ciência, nº154. Campinas; 2013.

CARNEIRO, Francilene Pereira. **A importância da música no desenvolvimento infantil**. Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV. Universidade Estadual da Paraíba – PB, 2019.

CARVALHO, Isaura Maria Vasconcelos. **A música no ensino de História**. Relatório de Mestrado no Ensino da História e da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Faculdade de ciências sociais e humanas – Universidade Nova de Lisboa. 2015.

CGI.br/NIC.br, **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação** (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – TIC Kids Online Brasil 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/> Acessado em: 10/10/2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DATARREPORTAL. Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil> Acesso em 03 de Setembro de 2023.

DIAS, Jéssica Aiume Conceição. **O samba carioca no ensino de Geografia: música como material pedagógico**. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África. Colégio Pedro II, RJ. 2020.

ENGE, E. **Influencer Marketing: what is and why you need to be doing it**. Moz, 2012. Disponível em: <https://moz.com/blog/influencer-marketing-what-it-is-and-why-you-need-to-be-doing-it> Acesso em: 28 de Agosto de 2023.

FREIRE, Izabella Silva. **EDUCASAMBA: o samba no projeto pedagógico curricular da licenciatura em pedagogia da UNILAB**. EFLCH – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Educação. UNIFESP, SP, 2021.

FREITAS, Ana Augusta Ferreira de. **Curtiu, comentou, comprou. A mídia social digital Instagram e o consumo Likes**. Revista Ciências Administrativas, vol. 22, núm. 1, pags. 130-161. UNIFOR – Fortaleza. 2016.

FREITAS, Vânia Maria Oliveira de ; PETERSEN, Graciane Trindade. **Música e Ensino de História**. Revista Diaogus, v 4, n4. Universidade de Cruz Alta – RS. 2015

KIETZMANN, Jan H; HERMKENS, Kristopher; MCARTHY, Ian; SILVESTRE, Bruno. **Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media**. Business horizons, Indiana, v. 54, n. 3, p. 241-251. 2011.

LIMA, Susanna Fernandes. **Estudantes da geração z e a autoria compartilhada das aulas de História**. ANPUH-Brasil – 30º Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. Edit Civilização Brasileira, 2015, Rio de Janeiro.

LOPES, Vera Neusa. **Inclusão étnico racial: cumprindo a lei práticas pedagógicas contemplam afro-brasileiro**. Revista do professor. Porto Alegre, v.19, n.75, p.25-30, 2003.

MONTEIRO, D., ALMEIDA, F., CAMPOS, J. **Comunicação 2.0: como o poder da web influencia decisões e desafia modelos de negócio(e-book)**. Lisboa: Editora Conjuntura Actual. 2014.

MONPEAN, Márcia Berenice. **A música é para todos. Um estudo sobre a importância da música para a educação**. Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2005.

MORAN, José Manuel. **As mídias na educação** - In Desafios na comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, pags. 162 – 166. 2007.

MOURA, Clóvis. **Linguagem e Dinamismo Cultural do Negro. Dialética radical do Brasil negro**. Editora Anita, 1994; p.173-203.

MÚSSIO, Rogéria Albertinase Pinceli. **A geração Z e suas respostas comportamental e emotiva nas redes sociais virtuais**. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Rio Claro – SP. 2017.

NUNES NETO, Franscisco Antonio (2019). **A configuração de um ícone de nacionalidade: as tias baianas no Rio de Janeiro**. Revista De Antropologia E Arte, 1(9), 44–73. 2019

OLIVEIRA, Priscila Patrícia Moura. **Utilização Pedagógica da Rede Social Instagram**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. São Paulo – 2021

PINTO, Cibele Lemes; TAVARES, Helenice Maria. **O lúdico na aprendizagem: apreender e aprender**. Revista Católica Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010.

PIRES, Marjorie Maria Carneiro. **Professores de História e as Mídias Digitais: possibilidades ao ensino de História**. UFPE – 2022.

ROCHA, Aristeu Castilhos da. **Proposta metodológica para o ensino de História**. In: Revista História. Cruz Alta: Unicruz, nº3, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítico: primeiras aproximações**. 7ª edição. Campinas. Autores e Associados, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SEFFNER, Fernando. **Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula**. In: Revista História, Cruz Alta, Unicruz, 2001.

SERRANO, Katia Estigarribia. **O uso das mídias no ensino de História para os anos finais do ensino fundamental**. UFRGS – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. 2015.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **“Entrevista”. Concedida a Leonardo Nascimento**. Suplemento Pernambuco, 11 Junho 2018. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2111-entrevista-luiz-rufino-e-luiz-antonio-simas.html> Acessado em 10/10/2023

SOUZA, João Gabriel Costa de França; LEAL, Aline Ramos. **O Brasil do século XIX através do samba enredo: levantamento inicial de possibilidades ligadas ao ensino culturalmente relevante**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 1, 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/1/o-brasil-do-seculo-xix-atraves-do-samba-enredo-levantamento-inicial-de-possibilidades-ligadas-ao-ensino-culturalmente-relevante> Acessado em 10/10/2023

SOUZA, Queila R. & QUANDT, Carlos O. **Metodologia de Análise de Redes Sociais**. In: F. Duarte; C. Quandt; Q. Souza. (Org.). O Tempo das Redes. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 31-63.

TORRES, Priscilla Bezerra. **As tias baianas e a criação da ala das baianas na Escola de Samba do Rio de Janeiro**. PUC – RIO, História. 2019

TOURINHO, Irene. **Um compositor, uma educadora, muitas perguntas e algumas reflexões sobre prática de ensino de música**. V 3, n 3. Revista da ABEM, 1996.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Claudia Cruz e Raimundo Bezerra, por serem minha base e me apoiarem nos sonhos. Não me deixaram desistir, me cobravam e a todo momento me lembravam da Bruna sonhadora.

Agradeço aos meus professores da graduação, Vera Lúcia de Moraes e Giovanni Codeça, por serem meus companheiros e incentivadores a me debruçar nas pesquisas sobre África e iniciarem comigo essa jornada.

Agradeço aos meus companheiros de turma, em especial Bruna Montenegro, Fábio Cruz, Raphael Tito, Rodolpho de Farias, por definirem o que é companheirismo. As coisas acontecem quando tem que acontecer. Era para eu estar nessa turma e nossos caminhos se encontrarem.

Agradeço aos meus professores do curso de Especialização em Ensino de História da África. Obrigada por tanto carinho, compreensão e conhecimentos. Em especial ao meu orientador Higor Ferreira, por toda a paciência, sabedoria e por não ter desistido de mim. É uma honra nossos caminhos terem se cruzado novamente.

Agradeço aos meus amigos que me incentivaram e estiveram na torcida ao longo do processo do curso de Especialização, e aos meus companheiros seguidores da página Histopectivas por estarem junto ao longo da caminhada e se fazendo presente na troca de conhecimentos.

Agradeço a minha espiritualidade... que me guia, movimenta, ilumina e fortalece.

“Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”
(Provérbio iorubá)